

Contos de fantasia



Contos de fantasia

PU SONGLING

ORGANIZADO POR

Yao Feng

TRADUZIDO POR

**Ana Cardoso, Zhang Mengyao, Chen Qu,
Xiong Xueying, Lou Zhichang e Zhou Qian**



7	Introdução	139	Gongsun Jiuniang
11	As pupilas falantes	148	O Grilo
15	Roubar um pêssego	154	As irmãs
19	O tauista da Montanha Lao	159	Sequela de um sonho
24	Jiao Na	169	O tigre do distrito Zhao
36	O intelectual Ye	172	Salvar a vida do Salvador
41	Wang Cheng	181	O lenço vermelho
48	Qingfeng	191	O reino dos Rakshasas e o mercado marítimo
56	O juiz Lu	204	Wu Qiuyue
65	Yingning	211	Princesa de Lótus
79	Nie Xiaoqian	217	Yun Cuixian
89	Lian Xiang	225	Qiurong e Xiaoxie
104	Zhang Cheng	237	Açougueiros e lobos
113	Os infortúnios de Xiangru	239	A mulher da Fortuna
121	Lian Suo		
131	O reino dos Yakshas		

- 243 Xiao Cui — Uma raposa encantada retribui um favor**
- 256 Um sonho sobre lobos – Parte I**
- 261 Um sonho sobre lobos – Parte 2**
- 263 Um sonho sobre lobos – Parte 3**
- 264 O Ministro da Educação do submundo**
- 274 O fantasma erudito Yu Qu-e**
- 284 Fengxian**
- 294 O erudito Wang Zian**
- 298 Xi Fangping**
- 306 A riqueza é o inferno**
- 316 Uma cadeia de acusados**
- 326 A jovem do lago Dongting**
- 331 Xiangyu**
- 339 A pedra mágica**
- 344 O mural pintado**
- 347 Morrer a rir**
- 348 Punição de um oficial ganancioso**
- 351 Candidato a deus da cidade**
- 354 O cadáver vivo**
- 357 Um raposo encantado casa sua filha**
- 361 Ding Qianxi**
- 364 A imortal Qing-E**
- 376 O monge Jin**
- 381 A pista do poema**
- 385 Yao An: o homem sem alma**
- 388 A alegria de brincar com raposas**
- 395 Glossário**

Introdução

Os *Contos de Fantasia Chineses* (聊齋誌異) foram escritos por Pu Songling (蒲松齡, 1640-1715) entre os finais da Dinastia Ming e o início da Dinastia Qing. A coletânea, baseada na compilação de contos populares e na exploração da imaginação pelo autor, é composta por 490 contos curtos, evocando um mundo imaginativo e estranho onde seres humanos se cruzam com seres sobrenaturais, transitando, uns e outros, para lá das fronteiras existentes entre eles. Com enredos misteriosos e excelente domínio de narrativa concisa e descritiva, o escritor deu a vida a uma série de personagens que se tornaram em figuras clássicas e largamente conhecidas junto dos leitores, especialmente através de adaptações para filmes e telenovelas.

Pu Songling nasceu no seio de uma família intelectual, pois muitos dos seus ancestrais tinham obtido honras acadêmicas ou cargos oficiais. Contudo, o seu pai foi obrigado a se dedicar aos negócios, deixando de lado os estudos confucionistas, devido à decadência da situação econômica da família e ao seu fracasso no exame imperial, única via de ascensão social para a gente que aspirava seguir a carreira oficial. Embora Pu Songling se tenha esforçado por passar em exames imperiais, acabou por sofrer repetidas reprovações. Ainda assim, ele estudava com diligência e nunca deixou de lutar para obter um título acadêmico. Conseguiu finalmente passar o exame imperial e foi recomendado para se integrar na Academia da Corte aos 71 anos de idade, cinco anos antes da sua morte.

Ao longo da sua vida, para sustentar a família, ele tinha de dar aulas como mentor em escolas privadas e vivia sempre frustrado, sem ter oportunidades para mostrar o seu talento a não ser pela criação dos seus contos de fantasia, imbuídos de originalidade e imaginação, obras que, no seu conjunto, o tornaram num dos grandes escritores da literatura clássica chinesa.

Na obra de Pu Songling há uma grande quantidade de historietas sobre o amor entre os letrados e as mulheres encarnadas por fantasmas, as quais são geralmente lindas, bondosas, apaixonadas, determinadas e até mais sensíveis do que os seres humanos, lutando por alcançar a felicidade sem hesitação em se sacrificar. Foi exatamente nestas figuras femininas que o escritor depositou as suas aspirações da mulher ideal e do amor difícil de ser encontrado na vida real.

Pu Songling introduziu nos seus contos cerca de vinte tipos de animais, tais como o dragão, o tigre, o lobo, o macaco, o cão, a galinha, a cobra, o grilo, o rato, a borboleta, a abelha ou o corvo, dos quais se destaca a imagem da raposa, que surgiu em cerca de noventa contos. Na língua chinesa, usa-se a expressão pejorativa “fantasma da raposa” para descrever a mulher devassa, atraente e sedutora. Contudo, à luz da pena do escritor, esta imagem foi desconstruída para alcançar sentido positivo e lhe serem atribuídas as qualidades benéficas da humanidade. Assim, as raposas transformaram-se em “raposas-humanas”, símbolo da mulher que possui o espírito de coragem para romper com as regras e os ritos da sociedade feudal em busca do amor real e da felicidade. Em relação a outros animais, a maioria deles também é descrita como seres simpáticos e benevolentes, prestes a ajudarem os seres humanos em vez de lhes serem maléficos.

O tempo em que Pu Songling vivia era caracterizado por guerras e caos político e social, provocados pela decadência da dinastia Ming e pela invasão dos manchus, fundadores da dinastia Qing. Sendo testemunha desta realidade cruel e turbulenta, o escritor não ficou de braços cruzados e expressou o seu descontentamento através da sua escrita satírica e metafórica. Além disso, ele escreveu também uma série de histórias de advertência e moralidade, algumas elogiando a virtude de “receber uma gota de água mas retribuir uma fonte” e outras apontando o dedo ao mau comportamento do homem.

Para Pu Songling, construir um mundo de fantasia é uma forma de realizar o que ele sonha possuir na vida real, por isso, na descrição de personagens letradas, espelha-se a vida do próprio escritor: um homem culto que falhou na carreira oficial, mas que acabou por se tornar num

exemplo do sucesso e do amor num mundo irreal e ilusório, mediante a superação de obstáculos.

A primeira tradução em inglês da obra de Pu Songling foi realizada pelo sinólogo britânico Herbert Allen Giles em 1880, existindo hoje mais de 100 versões da mesma em trinta línguas. Porém, infelizmente ainda não existia uma tradução em português. E assim sendo, esperamos que a presente tradução possa preencher esta lacuna.

Refira-se, por último, que a tradução é um dos resultados do meu projeto de investigação *Chinese Literature in Portuguese: Research, Translation and Anthology*, financiado pela Universidade de Macau. A equipe de tradução, composta por Zhang Mengyao, Chen Qu, Xiong Xueying, Lou Zhichang e Zhou Qian, alunas de mestrado da Universidade de Macau, traduziu os contos diretamente a partir do chinês, mas tendo também versões em inglês como referência. Coube à Dra. Ana Cardoso, que domina perfeitamente o chinês, fazer a revisão literária mediante discussões com as tradutoras. Por conseguinte, tenho de expressar os meus agradecimentos à Universidade de Macau pelo apoio ao meu projeto, às alunas acima mencionadas e à Dra. Ana Cardoso pela dedicação entusiástica e paciente à tradução e à revisão, bem como à Editora Moinhos pela publicação desta coletânea em português que permite aos leitores desta língua vislumbrarem como um escritor chinês construiu o seu mundo mágico de fantasia no século XVII.

YAO FENG

26 de Dezembro de 2021



As pupilas falantes

Na cidade Chang'an, havia um homem chamado Fang Dong, muito conhecido entre os locais, mas que era uma pessoa libertina e sem princípios. Cada vez que avistava uma mulher bonita passeando nos arredores da cidade, seguia-a e comportava-se de forma indecorosa.

No dia anterior ao Festival Qingming¹, quando passeava pelos subúrbios da cidade, viu uma carruagem com cortinas vermelhas nas janelas, e uma cortina bordada na dianteira, seguida por uma multidão de criadas a cavalo, uma das quais, montada num pônei, era particularmente bonita. Para avistar melhor a moça dentro da carruagem, Fang Dong aproximou-se mais e reparou, através da cortina parcialmente afastada, numa senhorita de cerca de dezesseis anos lá dentro. Ela estava lindamente maquiada e ricamente vestida, possuindo uma beleza imaculada, a qual Fang Dong nunca havia visto na sua vida. Deslumbrado e fascinado por essa beleza, Fang Dong não conseguia tirar os olhos dela, e continuou a seguir a carruagem por vários quilômetros, andando às vezes à sua frente e outras vezes atrás. De repente, ele ouviu a senhorita chamando a sua criada e dizer-lhe:

— Feche as cortinas! Quem é aquele homem rude que está sempre a espreitar?

A criada fechou as cortinas e virou-se para trás, repreendendo Fang Dong:

— A senhorita é a noiva do Sétimo Senhor da Cidade dos Imortais, e está a caminho da casa dos seus pais. Ela não é uma simples mulher do campo que pode ser vista por qualquer pessoa a seu bel-prazer!

Dito isso, ela pegou uma pitada de poeira do chão e lançou-a ao rosto de Fang Dong, cegando-o momentaneamente, ao ponto que ele nem con-

¹ Festival chinês no qual se celebram os antepassados já falecidos.

seguia abrir os seus olhos. Ele esfregou-os vigorosamente e finalmente conseguiu abri-los, mas quando olhou em volta, a carruagem, os cavalos, as criadas e a senhorita tinham desaparecido. Perplexo, Fang Dong voltou para casa, sentindo um desconforto nos olhos durante todo o caminho. Ele, então, pediu a alguém que lhe levantasse e examinasse as pálpebras. No interior, foi encontrada uma película claramente visível sobre cada um dos seus globos oculares. No dia seguinte, a situação ficou ainda pior, pois havia um fluxo imparável de lágrimas derramando dos seus olhos. As películas brancas continuaram a crescer e engrossar dia após dia. Em poucos dias, tornaram-se tão grossas como moedas de cobre. Para além disso, começou a surgir no seu olho direito uma película espiralada, para a qual não foi encontrado nenhum remédio que funcionasse. Nesse ponto em que se encontrava, Fang Dong estava já extremamente desesperado e arrependido, e lamentou imenso o que tinha feito.

Ouviu dizer que uma escritura budista, o Sutra da Luz Dourada, era capaz de eliminar maleitas como a dele, por isso ele adquiriu uma cópia e pediu a uma pessoa que a ensinasse a ele, para que pudesse recitá-la de cabeça todos os dias. De início, era uma tarefa extremamente entediante e ele sentia-se sempre inquieto, mas, aos poucos, começou a encontrar uma certa paz interior, e habituou-se gradualmente à sua nova vida. De manhã à noite, não fazia nada senão sentar-se de pernas cruzadas, recitando a Sutra e contando as contas do seu rosário². Passado um ano, ele conseguiu finalmente obter uma verdadeira tranquilidade na sua alma, nunca tinha qualquer pensamento perturbador.

Contudo, um dia, ele ouviu de repente uma voz tão baixa como se fosse de uma mosca, vindo do seu olho esquerdo, dizendo:

— Está demasiado escuro aqui! É insuportável!

Veio logo do seu olho direito a resposta:

— Por que não saímos desta escuridão para passear um pouco e apanhar ar fresco?

Depois dessa breve conversa, Fang Dong sentiu um ligeiro movimento que lhe deu comichão em ambas as narinas, como se algo estivesse a sair pelo seu nariz.

² É de salientar que aqui “rosário” refere-se ao rosário budista.

Pouco depois, sentiu algo voltar a entrar pelas suas narinas e, através delas, entrar novamente nas órbitas. Em seguida, ele ouviu uma voz vinda de um dos seus olhos dizer:

— Há muito que não visitávamos o jardim. Parece que as Orquídeas de Pérola estão murchas e já quase mortas!

De fato, Fang Dong gostava muito de orquídeas e tinha plantado imensas no jardim. Antigamente, ele costumava regá-las todos os dias por si próprio, mas desde que havia perdido a visão, ele perdera todo o interesse nelas e passou a ignorá-las completamente. Ao ouvir essas palavras da voz, ele foi imediatamente perguntar à sua mulher:

— Por que é que as Orquídeas de Pérola do jardim estão morrendo?

A mulher, por sua vez, perguntou-lhe como é que ele sabia isso, uma vez que era cego. Então, Fang Dong contou-lhe tudo que tinha acontecido e, em seguida, ela foi ao jardim e verificou que as flores estavam realmente bastante murchas. Extremamente surpresa com tudo isso, a mulher decidiu esconder-se no quarto de Fang Dong para averiguar a verdade. Não demorou muito tempo até que ela visse dois seres pequeninos, nenhum deles maior do que um feijão, sair do nariz do marido e voar zumbindo para o exterior. Eles foram se afastando gradualmente até que a mulher os perdeu de vista. Alguns instantes mais tarde, voltaram de braços dados, voando até ao rosto de Fang Dong, como se fossem abelhas ou formigas regressando aos seus ninhos.

Isso continuou durante dois ou três dias seguidos, até que um dia Fang Dong ouviu novamente uma voz vinda do seu olho esquerdo dizendo:

— Este túnel é tão sinuoso, não é nada conveniente para entrar e sair. Deveríamos pensar em fazer uma porta mais adequada.

— Mas a parede do meu lado é demasiado grossa, não vai ser um trabalho fácil. — respondeu o olho direito.

— Vou tentar fazer uma nova do meu lado; se conseguir, partilho-a contigo. — disse o olho esquerdo.

De seguida, Fang Dong sentiu uma dor na órbita esquerda, como se algo estivesse a arranhar e a rachar seu globo ocular. Momentos depois, ele abriu os olhos e, inesperadamente, conseguiu ver claramente as mesas e as cadeiras do quarto. Ficou tão contente que contou à mulher, que, de imediato, examinou os olhos dele cuidadosamente e descobriu

uma pequena abertura na película do olho esquerdo, através da qual era possível ver uma parte da sua pupila, preta e brilhante como um grão de pimenta.

Na manhã seguinte, a película do olho esquerdo desapareceu completamente. Quando examinaram cuidadosamente os olhos de Fang Dong, descobriram duas pupilas no seu olho esquerdo, enquanto que a película de forma espiralada do olho direito permanecia inalterada. Assim, souberam que ambos os seres, ou seja, as pupilas falantes, residiam juntas no seu olho esquerdo. Além de tudo isso, embora ele ainda estivesse cego de um olho, podia agora ver melhor do que antes com o outro.

Desde então, Fang Dong ficou muito mais prudente no seu comportamento e ganhou uma reputação de excelência no seu distrito.

Comentário do autor: “Naquele distrito, havia um homem que, um dia, foi passear com dois amigos e viu no caminho uma jovem mulher diante deles que montava um burro. Então, começou a gozar com ela e exclamou: ‘Que linda é!’

Dito isso, ele virou a cabeça para trás e falou aos dois amigos:

‘Vamos apanhá-la!’. Os três aceleraram o passo, com um sorriso no rosto, para a seguirem. Quando finalmente a alcançaram, o homem descobriu que essa jovem mulher era a sua nora. Envergonhado e deprimido, o homem não disse mais nada. Contudo, os amigos dele fingiram não saber de nada e continuaram a fazer comentários obscenos. O homem ficou ainda mais embaraçado e, hesitantemente, disse-lhes que aquela era a esposa do seu filho mais velho. Rindo à socapa, os dois amigos pararam então de comentar.

Com isso podemos ver que as pessoas indecentes acabam por se ofender a si próprias, o que é ridículo. No caso de Fang Dong, ficou cego por causa da poeira, o que provavelmente foi castigo de espíritos ou de deuses. Quanto ao dono da Cidade dos Imortais, não sei que tipo de deus era ele, mas era provavelmente um *Bodhisattva*. Contudo, os jovens ainda estão no início da sua longa vida e têm ainda uma boa caminhada a percorrer. Àqueles que cometem erros deve ser dada a oportunidade de se emendarem, apesar de os fantasmas ou deuses serem muitas vezes cruéis.”

Roubar um pêssego

Quando eu era pequeno, fui um dia à cidade de Ji'nan para fazer o exame imperial. Ora, por acaso, estávamos na época do Festival da Primavera e, de acordo com os velhos costumes, na véspera do Festival, todos os comerciantes locais deveriam dirigir-se para o *yamen*, carregando bandeiras coloridas e tocando música com variadíssimos instrumentos musicais, numa celebração conhecida como “Início da Primavera”. Acompanhado pelos meus amigos, decidi ir ver as celebrações.

Nesse dia, havia uma grande multidão na rua, formando intransponíveis muros de gente. À nossa frente, na sala principal do *yamen*, estavam sentados frente à frente quatro mandarins com vestes de seda vermelha, ficando dois do lado leste e dois do lado oeste. Naquela altura, eu era muito pequeno e não entendia quem eram eles. Minha atenção estava focada apenas no burburinho das pessoas e no som ensurdecedor dos instrumentos musicais.

Subitamente, saiu da multidão um homem carregando uma vara aos ombros com caixas de bambu, seguido por um rapaz com o cabelo solto. Os dois dirigiram-se diretamente para o estrado da sala principal, onde estavam os mandarins, e ajoelharam-se no chão. Pareceu-me que o homem disse algo, mas eu não fui capaz de ouvir devido ao barulho que reinava na sala. Vi apenas os mandarins rindo e, logo a seguir, um funcionário do *yamen*, envergando uma veste de seda preta, que desceu do estrado e ordenou, em voz alta, que o homem e o rapaz os entretivessem.

Ouvindo a ordem, o homem e o rapaz levantaram-se e perguntaram:

— O que gostaria de ver?

Após uma breve conversa entre os mandarins, o funcionário desceu mais uma vez do estrado e proclamou o desejo deles de verem o melhor truque que o homem conseguisse fazer.

Então, o homem disse:

— Eu consigo mudar a ordem das estações da natureza e inverter o crescimento de plantas e frutas.

O funcionário transmitiu aquilo aos mandarins e, depois de outra pausa, ele regressou mais uma vez e ordenou ao homem que fizesse aparecerem pêssegos.

O homem assentiu, tirando o casaco e colocando-o numa das suas caixas de bambu, ao mesmo tempo fingindo queixar-se em voz alta:

— Os dignos mandarins não sabem do que falamos. O gelo do inverno ainda nem derreteu, como poderei eu produzir um pêssego? Mas, se eu falhar, certamente ficarão zangados comigo. Que devo eu fazer!?

O rapaz, que era na verdade seu filho, disse ao pai:

— Já concordou em fazer um truque, não pode agora procurar pretextos para não o fazer. Tem de continuar.

O pai ficou desconcertado por alguns momentos, mas disse, por fim:

— Refleti sobre isso cuidadosamente e já sei como poderemos conseguir um pêssego. Estamos no início da primavera e a neve ainda cobre a terra, sendo, portanto, impossível obter um pêssego neste nosso mundo. Apenas no céu, no Jardim de Pêssegos da Rainha Mãe do Ocidente³, é que poderemos talvez encontrar um. Isso porque as plantas de lá, desse mítico jardim, parecem nunca murchar ou perder as folhas, seja que altura do ano for. Portanto, a única maneira de adquirir um pêssego seria roubá-lo do céu.

— O quê!? — exclamou o filho — Tem por acaso uma escada que chegue até ao céu? Caso contrário, não vejo como chegaremos lá.

O pai respondeu:

— Não se preocupe. Vou resolver isso à minha maneira.

O pai abriu então uma das caixas de bambu, da qual retirou uma corda com cerca de trinta metros de comprimento. Pegando-lhe por uma das pontas, o homem atirou a corda ao ar com toda a força. Inesperadamente, a corda permaneceu suspensa no ar, como se algo no céu a segurasse. A corda começou a subir cada vez mais alto até que a ponta superior desapareceu por entre as nuvens, a outra permanecendo na mão do homem.

3 Ver glossário.

— Vem cá, filho — chamou o homem. — Eu sou já demasiado velho e o meu corpo, demasiado pesado, não seria capaz de fazer esta subida. Terás de ser tu a ir (filho)!

Ele entregou a ponta da corda ao filho e continuou:

— Toma aqui! Este é o único caminho para cima.

O filho pegou na corda relutantemente e se queixou:

— Pai, está louco? Quer que eu suba até o céu por uma corda tão fina e frágil, que dificilmente suportará meu peso? Se ela quebrar no meio do caminho, cairei e ficarei completamente esmagado!

O pai acalmou-o com umas palmadinhas nas costas, mas, ao mesmo tempo, disse-lhe seriamente:

— Já dei a minha palavra aos dignos mandarins e qualquer arrependimento vem tarde demais. Você vai ter mesmo de ir! Não tenha medo, se você conseguir roubar um pêssigo do céu, seremos certamente recompensados com cem taéis de ouro, que usarei para lhe arranjar uma lindíssima esposa.

Sem mais remédio, o filho agarrou a corda e começou a subir, oscilando de um lado para o outro. Movendo as pernas e os braços como uma aranha que sobe a sua teia, o filho subia pela corda acima. Gradualmente, ele foi ficando cada vez mais distante, até que desapareceu por entre as nuvens.

Passado um momento, caiu do céu um pêssigo, tão grande como uma tigela. Satisfeito, o homem apanhou-o do chão e, estendendo as duas mãos, ofereceu-o aos mandarins que estavam no estrado. O pêssigo foi examinado cuidadosamente por cada um deles, mas ninguém foi capaz de dizer se era genuíno.

De repente, a corda caiu no chão. O homem empalideceu e exclamou:

— Maldições!! Alguém no céu cortou a minha corda! Como meu filho vai descer agora?

Momentos depois, um outro objeto caiu do céu e verificou-se ser a cabeça do seu filho. O homem segurou-a entre as mãos e chorou perdidamente:

— Ele deve ter sido apanhado pelo guarda do jardim. Está tudo acabado para o meu pobre filho!

Logo em seguida, um pé do seu filho caiu também, seguido pelas outras partes do corpo. O pai, destroçado, recolheu todas as partes daquele corpo e colocou-as na sua caixa de bambu. Fechando a tampa, o homem disse aos mandarins:

— Ele era o meu único filho, que sempre me acompanhava aonde quer que eu fosse. Mas hoje, só para cumprir a vossa ordem, a sua vida teve um fim inesperado e horrível. Agora, nada mais posso fazer senão levar comigo o seu corpo em pedaços e enterrá-lo.

Ajoelhou-se, então, à frente do estrado, e implorou:

— Por causa de um pêssego, o meu filho perdeu a vida! Se vocês tiverem piedade e estiverem dispostos a ajudar com o enterro do meu filho, serei eternamente grato.

Chocados, os mandarins deram uma grande soma de dinheiro ao homem, que o guardou bem na bolsa que trazia à cinta. Depois, dando uma palmadinha numa das caixas de bambu, disse:

— Filho, não vai sair daí e agradecer aos dignos mandarins? O que está esperando?

Subitamente, um rapaz com o cabelo solto abriu a tampa da caixa com a cabeça, saiu e ajoelhou-se na direção dos mandarins. Era o filho do homem.

De tão surpreendente e impressionante que foi, nunca me esqueci desse espetáculo até aos dias de hoje. Anos mais tarde, ouvi dizer que esse tipo de espetáculo era realizado pela Seita do Lótus Branco, de onde viriam, provavelmente, o homem e o rapaz que vi naquele dia.

O tauista da Montanha Lao

Vivia no nosso distrito, Zi Chuan, um intelectual, cujo apelido era Wang, e era o sétimo filho duma proeminente família aristocrata. Desde pequeno, Wang tinha uma grande admiração pelos milagres que os tauistas eram capazes de fazer. Um dia, ele ouviu dizer que havia um grande número de tauistas na Montanha Lao, então, com a mochila nas costas, subiu a montanha, com intenção de pedir aos tauistas que o deixassem estudar com eles.

Chegando ao topo da montanha, viu um templo tauista, o ambiente à sua volta sereno e silencioso. No estrado do templo, num tapete de junco, estava sentado um tauista, cujos longos cabelos brancos davam-lhe pelos ombros e estavam soltos, e parecia saudável e de bom humor.

Wang aproximou-se, ajoelhou-se em frente do tauista e dirigiu-lhe a palavra. Depois duma breve conversa, Wang achou que as palavras do taoista eram abstrusas mas profundas, por isso, pediu-lhe para se tornar seu discípulo. Então, o tauista disse:

— Receio que você esteja habituado a ser preguiçoso e que não seja capaz de suportar as dificuldades que vai encontrar.

— Serei capaz! — respondeu Wang.

Esse tauista tinha muitos discípulos, e todos se reuniam ao entardecer. Wang cumprimentou respeitosamente cada um deles, ajoelhando-se com a cabeça curvada e, assim, foi-lhe permitido ficar no templo e viver com eles.

Na madrugada do dia seguinte, Wang foi convocado pelo tauista, que lhe deu um machado e mandou-o seguir os outros discípulos à montanha para cortar lenha. Wang obedientemente assim fez. Passado um mês, as mãos e os pés de Wang estavam calejados e doloridos. A vida ali era difícil demais e Wang não aguentava mais, por consequência, começou secretamente a desejar voltar para casa.

Um dia, ao fim da tarde, quando Wang voltava do trabalho, viu dois homens sentados ao lado do seu mestre, a beber vinho juntos. Embora já estivesse muito escuro no templo, eles não tinham acendido nenhuma vela. O tauista começou a cortar um pedaço de papel redondo, que parecia um espelho, e colou-o na parede. Alguns minutos depois, o papel transformou-se numa verdadeira lua, que iluminou todo o templo. A luz dela era tão brilhante que até os fios de cabelo no chão eram visíveis.

Os discípulos estavam todos de pé à volta dos convidados, esperando pelos seus pedidos para que os pudessem servir. Então, um dos convidados disse aos discípulos:

— Numa noite tão maravilhosa como esta, vocês precisam se juntar a nós para compartilharmos esta alegria!

Assim que acabou de falar, ele pegou num jarro da mesa e começou a servir vinho a todos os discípulos, incentivando-os a beber até que ficassem embriagados.

Contudo, pensou Wang, não era possível que um único jarro tivesse vinho suficiente para os sete ou oito discípulos ali presentes.

Todos procuraram um copo ou uma tigela, enchendo-os rapidamente, com medo de que o vinho acabasse. No entanto, a quantidade de vinho dentro do jarro nunca parecia diminuir, apesar de todos o terem servido uns aos outros. Wang achou tudo isso muito estranho.

Momentos depois, um convidado disse ao tauista:

— Graças a ti, podemos beber sob a luz de uma lua tão brilhante. Mas não acha um pouco solitário e monótono beber assim? Por que não convidamos Chang'e⁴ para se juntar a nós?

Em seguida, ele atirou um dos seus pauzinhos à lua da parede e uma lindíssima mulher apareceu de imediato, flutuando no centro da lua. De início, a mulher tinha apenas cerca de trinta centímetros de altura, mas assim que ela pousou no chão, cresceu para a altura normal de uma pessoa.

Com um elegante pescoço e a cintura delgada, a mulher começou a executar uma dança centenária, conhecida como a “Dança das Saias do Arco-íris”. A seguir, ela começou a cantar:

⁴ Chang'e é a deusa chinesa da Lua.

— Danço
leve, levemente!
Será este o mundo dos homens,
Ou ainda estarei confinada
No meu frio Palácio da Lua?

Sua voz era clara e melodiosa como uma flauta. Assim que acabou de cantar, ela fez uma pirueta e saltou para cima da mesa. Antes que Wang pudesse perceber o que estava acontecendo, a bonita mulher se transformou de volta num pauzinho.

Vendo isso, o tauista e seus dois convidados riram às gargalhadas. Então, um dos convidados disse:

— Que noite magnífica! Mas receio que esteja já quase completamente embriagado. Vocês não querem me acompanhar até ao Palácio da Lua, para bebermos um último copo de despedida?

Então os três, que ainda estavam nos seus assentos, flutuaram lentamente em direção à parede e entraram na lua. Os discípulos podiam vê-los claramente sentados no Palácio da Lua a beber alegremente, os seus bigodes e sobrancelhas perfeitamente visíveis, como se estivessem refletidos num espelho.

Algum tempo depois, a lua começou a escurecer e um discípulo veio acender as velas, à luz das quais os discípulos descobriram que o mestre estava sentado à mesa sozinho, os dois convidados ausentes. Os restos de comida ainda estavam na mesa e, quanto à lua na parede, não havia nada ali, exceto um pedaço de papel branco cortado em forma de espelho.

Então, o tauista perguntou aos discípulos:

— Beberam todos o suficiente?

— Sim, bebemos! — responderam os discípulos.

— Sendo assim, deem cedo e, amanhã, não se atrasem para o corte de lenha.

Obedientemente, os discípulos saíram e foram para a cama. Wang ficou admirado com tudo o que tinha presenciado e se sentiu eufórico, abandonando o desejo de voltar para casa.

Passou mais um mês e a vida no templo era tão dura que Wang não a aguentava mais. Para além disso, seu mestre continuava sem lhe ensinar qualquer arte tauista.

Wang sentiu que não podia esperar mais, então foi despedir-se do mestre:

— Eu viajei centenas de quilômetros para aprender artes tauistas com você; mesmo que não quisesse me ensinar o segredo da imortalidade, teria ficado satisfeito em aprender uma arte mais simples. Estou aqui há cerca de três meses, mas tudo o que tenho feito todos os dias é cortar lenha de manhã e voltar cansado à noite para dormir. Quando vivia em casa, nunca tive vida tão difícil como esta.

O tauista sorriu e disse:

— Eu disse logo que você não seria capaz de suportar dificuldades. Vê agora como provou que eu tinha razão. Amanhã de manhã, pode ir embora que irei à tua despedida.

No entanto, Wang respondeu:

— Eu trabalho aqui há tanto tempo. Por favor, mestre, ensine-me uma arte fácil para que a minha estada aqui não se torne insignificante.

Então, o tauista perguntou:

— Que arte gostaria de aprender?

Wang respondeu:

— Eu reparei que onde quer que o mestre vá, nunca é obstruído pelas paredes. Se eu puder aprender como passar através de paredes à vontade, ficaria mais do que satisfeito.

Com um sorriso no rosto, o tauista concordou. Ele ensinou um mantra a Wang e mandou-o repeti-lo sem parar. De repente, o tauista gritou:

— Vai!

Wang olhou para a parede à sua frente, mas não se atreveu a tentar atravessá-la.

Então, o tauista gritou mais uma vez:

— Tenta passá-la! Vai!

Desta vez, Wang dirigiu-se à parede cautelosamente, mas precisamente quando se preparava para atravessá-la, esbarrou contra ela.

Nesse momento, o mestre disse:

— Baixe a cabeça, corra rapidamente em direção à parede e não hesite!

Ouvindo isso, Wang deu alguns passos para trás, começou a correr a toda a velocidade em direção à parede e atravessou-a como se nada lá houvesse. Quando ele olhou ao seu redor, descobriu que estava do ou-

tro lado da parede. Wang ficou felicíssimo e voltou imediatamente para agradecer ao mestre.

O tauista disse então:

— Depois de voltares para casa, lembra de manter o teu coração puro e levar uma vida prudente, senão a arte que te ensinei não funcionará mais.

O tauista deu a ele algum dinheiro e o mandou de volta para casa.

Chegando em casa, Wang gabou-se que tinha conhecido um imortal, com o qual tinha aprendido magia, e que agora era capaz de atravessar qualquer parede sólida. No entanto, sua mulher não acreditou nele. Para fazê-la acreditar, ele tentou novamente o que o tauista lhe tinha ensinado, ficando à distância de cerca de um metro da parede e começando a correr a toda a velocidade na sua direção. Mas, inesperadamente, sua cabeça esbarrou contra a parede sólida e ele caiu no chão com um forte baque.

Quando a mulher foi ajudá-lo a se levantar, ela descobriu na testa dele um galo, tão grande como um ovo, e começou a rir. Envergonhado e irritado, Wang insultou o tauista por tê-lo ludibriado.

Comentário do autor: “Quando ouvem a história de Wang, todos se riem dele sem saber que existem, de fato, tantas pessoas que levam uma vida tão parecida com a de Wang. Conheço um homem que adora palavras lisonjeiras, mas não gosta de ouvir conselhos sinceros. Por isso, algumas pessoas mal-intencionadas contam a ele intrigas, dizendo que é para o seu bem e que isso o ajudará a resolver tudo e que nunca ninguém lhe desobedecerá. Inicialmente, as intrigas funcionam inesperadamente bem e, portanto, o homem acredita que tem tudo sob seu controle. É realmente uma pessoa teimosa, que ‘nunca para, a menos que bata com a cabeça na parede.’”

Jiao Na

O intelectual Kong Xueli, descendente do grande sábio Confúcio, era um homem tolerante e bem-educado, sendo também muito versado em poesia.

Um dia, um dos seus melhores amigos, o magistrado do distrito Tian Tai⁵, escreveu para convidá-lo a visitar sua cidade. Kong partiu em direção a Tian Tai, mas à chegada, descobriu que o amigo tinha morrido há pouco tempo. Kong não tinha dinheiro suficiente para voltar para casa e, por isso, não vendo outra opção, refugiou-se no Templo Putuo, no qual os monges o deixaram trabalhar como copista de escrituras.

Cerca de cem passos a oeste do templo, ficava a residência de um senhor chamado Shan. Shan vinha duma antiga família, muito bem conhecida no local. No entanto, graças a um longo e caríssimo processo judicial, tinha perdido imenso dinheiro, fazendo com que sua família entrasse em dificuldades. Consequentemente, e como sua família, por esta altura, já não era tão numerosa, ele decidiu mudar-se para o campo, deixando a casa à beira do Templo inabitada.

Num dia de neve, Kong passeava pelas ruas desertas, quando, por acaso, passou pela residência do senhor Shan e viu um jovem, belo e elegante, sair da casa. Ao avistar Kong, o jovem foi imediatamente cumprimentá-lo. Depois de uma breve conversa, o jovem convidou-o humildemente a entrar. Como Kong tinha gostado imenso dele, aceitou o convite alegremente e seguiu-o sem hesitação.

As divisões da casa não eram muito espaçosas, porém estavam todas decoradas com cortinas de tecido em brocado, assim como inúmeras obras caligráficas e pinturas clássicas. Em cima da mesa, havia ainda um

⁵ O distrito Tian Tai fica na atual província de Zhe Jiang da China.

livro intitulado “Notas de Langhuan⁶”, e ao folheá-lo, Kong descobriu que o conteúdo do livro lhe era completamente desconhecido.

Como o jovem estava morando na residência de Shan, Kong supôs que ele fosse um dos membros da família, pelo que resolveu não lhe perguntar sobre a sua família e a sua posição oficial.

O jovem, por sua parte, questionou Kong sobre a sua vida e sentiu profunda simpatia por ele, chegando até a sugerir que abrisse uma escola e se tornasse professor, mas Kong apenas suspirou e disse:

— Eu não passo de um vagabundo longe de casa; quem recomendaria tal pessoa para ser professor?

Ouvindo isso, o jovem disse a Kong:

— Se você não se importar com a minha ignorância e lentidão, eu mesmo gostaria de ser seu primeiro aluno.

Kong ficou comovido com as palavras dele, mas recusou a oferta modestamente, e insistiu que, em vez disso, eles deveriam simplesmente ser amigos. Então, Kong perguntou:

— Por que é que esta grande casa está sempre fechada?

O jovem respondeu:

— Esta residência pertence ao senhor Shan. A única razão pela qual esta casa está há tanto tempo vazia é que toda a família se mudou para o campo. Na verdade, meu nome é Huang Fu e minha família vivia na província de Shanxi, mas nossa casa foi destruída por um grande incêndio, por isso estamos vivendo aqui temporariamente.

Só nesse momento é que Kong percebeu que o jovem não era da família de Shan. Naquela noite, os dois conversaram e divertiram-se imensamente, passando uma noite muito feliz. A convite de Huang Fu, Kong decidiu dormir na casa dele, partilhando a cama com ele.

No dia seguinte, ao amanhecer, um pajem entrou no quarto deles para acender a lareira. Huang Fu levantou-se primeiro e foi até a sala interior, enquanto Kong ainda se encontrava sentado na cama, envolto numa grossa manta. Pouco depois, o pajem voltou e anunciou:

⁶ *Notas de Langhuan* é o título de um livro fictício que contém histórias surreais.

— Chegou Tai Gong⁷!

Surpreso, Kong saltou da cama, no momento em que um velho de cabelos grisalhos entrou no quarto. O velho se virou para Kong e lhe agradeceu com sinceridade:

— Muito obrigado pela sua bondade. O senhor não se importou com a ignorância e lentidão de Huang Fu, e até concordou em ensinar a ele. Ele começou a ler e escrever há pouco tempo, por isso, por favor, não o trate como seu igual só porque são amigos.

E, dito isso, deu a Kong uma veste de brocado, um chapéu de pele de marta, um par de meias e um par de sapatos. Assim que o velho viu que Kong tinha acabado de se arranjar, ordenou que servissem a refeição. Kong não fazia ideia de que materiais os móveis da sala e as roupas das pessoas eram feitos, mas todos eles pareciam esplêndidos e de alta qualidade. Depois de beber umas quantas taças de vinho, o velho levantou-se do assento e saiu apoiado em uma bengala.

Após o café da manhã, Huang Fu entregou seus trabalhos a Kong para que ele os corrigisse. Kong ficou surpreso ao descobrir que, em vez de escrever os ensaios em oito partes, como era costume, da forma que era conhecida pela sua rigidez e pobreza de ideias, Huang Fu escrevia ao estilo clássico, em poesia. Kong ficou curioso e quis saber a razão, porque, de fato, o estilo de ensaios em oito partes era mais prevalente naquela altura e era o exigido nos exames oficiais. Huang Fu respondeu com um sorriso:

— Eu nunca quis destacar-me nos exames ou obter uma boa posição oficial.

À noite, Huang Fu preparou novamente um jantar farto, no qual os dois beberam bastante. Huang Fu disse a Kong:

— Hoje, vamos beber e nos divertir sem pensar em nada mais. A partir de amanhã, não devemos mais fazer isso, pois teremos de focar em assuntos mais sérios e importantes.

Depois, Huang Fu chamou o pajem para saber se Tai Gong estava dormindo e disse ao pajem que, se estivesse, que convidasse silenciosa-

⁷ *Tai Gong* é uma forma de tratamento respeitoso para pessoas idosas.

mente Xiang Nu para acompanhá-los. O pajem partiu, e voltou pouco depois, carregando um *pipa*⁸ dentro de um saco bordado.

Instantes depois, entrou na sala uma criada de uma beleza incomparável, vestida de vermelho, que era nada mais nada menos que Xiang Nu, a pessoa que o pajem tinha ido chamar. Huang Fu mandou tocar a música “O Lamento das Deusas do Rio Xiang”. Xiang Nu dedilhava as cordas do *pipa* com uma palheta de marfim. A música era extremamente triste, comovente; o ritmo totalmente diferente das músicas que Kong tinha ouvido até então na sua vida. Então, Huang Fu mandou Xiang Nu servir vinho em taças maiores, e os dois beberam até a madrugada.

No dia seguinte, eles levantaram cedo para estudar juntos. Huang Fu era muito inteligente e conseguia memorizar tudo após uma única leitura. Em apenas dois ou três meses, tornou-se capaz de escrever textos extraordinários, o que era admirável. Kong e Huang Fu combinaram de beber a cada cinco dias e, a cada vez que bebiam, convidavam Xiang Nu para se juntar a eles.

Uma noite, depois de terem bebido algumas taças de vinho, Kong ficou um pouco embriagado e Huang Fu viu que o amigo olhava Xiang Nu absorto, e parecia não conseguir desviar o olhar dela. Huang Fu percebeu imediatamente o que ele estava pensando e disse:

— Irmão Kong, Xiang Nu é apenas uma criada, educada pelo meu pai desde a infância. Entendo que seja difícil para você viver aqui sozinho, longe da sua terra natal e sem sua família. Tenho pensado, dia e noite, na questão do seu casamento há muito tempo, e hei de encontrar uma bela mulher para você.

Kong respondeu:

— Se está falando sério, por favor, encontre alguém tão inteligente e bonita quanto Xiang Nu.

Ouvindo isto, Huang Fu riu e disse:

— Você não deve ter visto muito na sua vida! Se considera Xiang Nu a mulher ideal, será fácil satisfazê-lo.

8 O *pipa* é um alaúde chinês.

Seis meses mais tarde, Kong quis ir passear no campo, mas quando chegou à porta principal da residência, encontrou-a trancada. Estranhando, ele questionou Huang Fu, que explicou:

— Meu pai trancou a porta e recusou a entrada de qualquer visitante, pois teme que eu saia para brincar com meus amigos e ignore os estudos.

Kong pareceu aceitar essa explicação e não suspeitou de nada. Nessa época, estavam nos dias mais quentes e úmidos do verão, e por isso os dois passaram a estudar no jardim.

Um dia, Kong descobriu que havia um inchaço do tamanho de um pêsego no seu peito, que, durante a noite, cresceu para o tamanho de uma tigela. O inchaço provocava dores insuportáveis e ele gemia constantemente. Huang Fu o visitava todas as manhãs e todas as noites; estava tão preocupado que não tinha apetite e não conseguia dormir. Dias depois, a situação piorou e as dores fizeram com que Kong deixasse gradualmente de ser capaz de comer e beber. O pai de Huang Fu veio vê-lo também, e pai e filho lamentaram a situação de Kong.

Huang Fu disse então:

— Ontem à noite, quando estava pensando na doença de Kong, percebi que só a minha irmã mais nova, Jiao Na, pode curá-lo. Já mandei alguém buscá-la na casa da minha avó materna, mas não entendo por que tarda tanto.

Após essa conversa, um criado entrou para informar que a senhora Na havia chegado, juntamente com a tia e a prima, a senhora Song. Huang Fu e o pai correram para recebê-las. Minutos depois, Huang Fu levou Jiao Na para ver Kong.

Jiao Na tinha cerca de treze ou catorze anos e era extremamente bela. Seus olhos ternos revelavam inteligência e sua cintura de vespa tornava-a ainda mais atraente. Quando Kong viu seu lindo rosto, esqueceu imediatamente das dores, parou de gemer e até sentiu o sofrimento aliviado.

Huang Fu disse a Jiao Na:

— Este é o meu bom amigo Kong, e somos tão chegados como irmãos de sangue. Por favor, dá o teu melhor para cuidar dele e cura-o, se for possível.

Perdendo a timidez, Jiao Na arregaçou suas longas mangas e foi até a cama de Kong para tomar-lhe o pulso. Ao fazer isso, Kong sentiu uma fragrância, mais agradável do que a das orquídeas na primavera, emanando do corpo dela.

Jiao Na sorriu e disse:

— Não me admira que esteja tão doente; o seu batimento cardíaco está alterado. Embora seja grave, é possível curá-lo. No entanto, o inchaço já endureceu e terá de ser removido por meio de uma cirurgia.

Dito isso, Jiao Na removeu uma pulseira dourada do seu braço e a colocou ao redor do inchaço, pressionando lentamente. A parte inchada subiu cerca de uma polegada acima da pulseira, e a parte inferior do inchaço ficou contida na pulseira, tornando-se consideravelmente menos extensa do que antes. Depois, com a outra mão, Jiao Na afastou suas vestes e desamarrou uma faca, cuja lâmina era mais fina do que uma folha de papel. Segurando a pulseira no lugar, ela começou a cortar cuidadosamente a parte inchada a partir do fundo.

Um sangue vermelho escuro escorria da ferida, sujando a cama toda. Kong, no entanto, parecia não reparar em nada, exceto na proximidade da bela jovem, pelo que não só não sentiu dores, como até temia que a cirurgia terminasse demasiado cedo e Jiao Na fosse embora.

Pouco depois, o tumor, que mais parecia um pedaço de madeira podre, foi removido. Jiao Na então pediu água para lavar a ferida de Kong. Em seguida, ela cuspiu da sua boca uma bolinha vermelha, do tamanho de um berlinde, e pressionou-a contra a ferida, girando-a ao redor da incisão. Após a primeira volta, Kong sentiu um calor ardente no peito, após a segunda, sentiu uma comichão insistente e, depois da terceira, sentiu uma frieza que se espalhou por todo o seu corpo, infiltrando-se na medula óssea. Então, Jiao Na retirou a bolinha e colocou-a na boca, em seguida dizendo:

— Veja! Já está curado.

E sem dizer mais, Jiao Na dirigiu-se para a porta. Kong saltou da cama e correu para lhe agradecer, pois seu sofrimento de há tanto tempo havia desaparecido num instante. Mas, na verdade, esse sofrimento ainda não tinha acabado, pois Kong descobriu que, cada vez que pensava na beleza

deslumbrante de Jiao Na, sentia-se triste e solitário. Desde então, ele deixou de ler e passava os dias sentado, sem conseguir prestar atenção a qualquer coisa.

O comportamento de Kong chamou a atenção de Huang Fu, que lhe disse:

— Irmão, eu tenho procurado uma mulher para ti, e finalmente encontrei uma.

— Quem é ela? — perguntou Kong.

— É um dos meus parentes — foi a resposta de Huang Fu.

Ouvindo isso, Kong pensou durante algum tempo e disse:

— Já não é necessário. Não te incomode mais com isso.

Kong virou-se para a parede, suspirou profundamente e recitou dois versos de uma poesia do poeta Yuan Zhen da Dinastia Tang:

— Não há águas suficientemente largas para quem já atravessou o mar;
Nenhuma nuvem é bela, exceto aquela que coroa o cume.

Huang Fu percebeu a intenção de Kong e disse-lhe:

— O meu pai, que o respeita imensamente, há muito que deseja tornar-se seu sogro. Mas tenho apenas uma irmãzinha, Jiao Na, e ela é muito jovem. No entanto, tenho uma prima do lado da minha mãe, chamada Song, que tem dezoito anos e também é belíssima. Se não acredita, espere no quarto exterior, que acabará vendo-a passar, pois todos os dias ela vem ao jardim passear.

Kong assim o fez. Tal como Huang Fu havia dito, ele viu Jiao Na chegar ao jardim, acompanhada por uma linda moça, cujas sobrancelhas curvas estavam bem pintadas, e os seus pés pequeninos estavam enfiados num par de sapatos bordados com um desenho de fênix. Quanto à sua beleza, não era de modo algum inferior à de Jiao Na. Encantado, Kong pediu a Huang Fu que o ajudasse como seu casamenteiro.

No dia seguinte, Huang Fu saiu do pátio interior da residência e felicitou Kong, dizendo:

— Parabéns! Ela concordou!

Huang Fu mandou limpar e arrumar outro pátio para realizarem a cerimônia de casamento de Kong. Naquela noite, música e som de tambores encheu o ar, e tão alto era o barulho que até o pó nas vigas da casa foi sa-

cudido. Mais tarde, quando Kong olhou para a sua noiva, não conseguia acreditar que a mulher dos seus sonhos estava dormindo ao seu lado, e perguntou-se se ainda estaria na terra ou se teria sido transportado para o Palácio da Lua, onde vivia a deusa Chang E. Kong sentia-se radiante.

Uma noite, Huang Fu disse a Kong:

— Você me ajudou tanto em meus estudos, nunca vou me esquecer do quanto lhe devo. No entanto, como o processo judicial do senhor Shan terminou, ele voltará muito em breve. Por isso, a minha família pretende partir de volta à nossa terra natal em Shanxi, que fica a oeste daqui. Temo que seja difícil encontrarmo-nos novamente, o que me deixa muito triste.

Kong manifestou a vontade de acompanhá-los, mas Huang Fu aconselhou-o a regressar à sua terra natal, em Shandong. Kong hesitou e, em seguida, confessou que tal seria muito difícil para ele. Contudo, Huang Fu disse:

— Não se preocupe! Posso levar você lá rapidamente.

Pouco depois, o pai de Huang Fu entrou com Song, a mulher de Kong, e ofereceu cem taéis de ouro ao casal. Então, Huang Fu segurou nas mãos de Kong e Song, ordenando a eles que fechassem os olhos e não os abrissem sob nenhum pretexto. Logo a seguir, Kong sentiu que voava pelos ares e não conseguia ouvir nada senão o vento a assobiar nos seus ouvidos. Passado muito tempo, ele finalmente ouviu Huang Fu dizer:

— Chegamos!

Quando Kong abriu os olhos, descobriu que estava na sua terra natal. Só nesse momento é que Kong percebeu, sem sombra de dúvidas, que Huang Fu não era um mortal. Kong bateu alegremente à porta de casa e sua mãe ficou surpresíssima com seu retorno, ainda mais com uma mulher tão bonita. Os três ficaram radiantes por estarem de novo juntos. Mas quando viraram a cabeça, Huang Fu havia desaparecido.

Song era uma nora muito prestativa e fazia todo o possível para cuidar bem da sogra. Sua beleza e virtude tornaram-se amplamente conhecidas entre os locais. Mais tarde, Kong passou no exame imperial de nível mais alto, tornando-se *jinshi*, e foi nomeado como o responsável por todos os casos de ação judicial de Yan An, na província de Shanxi. Toda a família de Kong seguiu-o para lá, exceto sua mãe idosa, que achou a viagem

demasiado longa para alguém da sua idade. Song deu à luz um menino, a quem chamaram Xiao Huan. No entanto, não muito depois, Kong foi retirado do seu posto por ter ido contra a vontade do inspetor-geral. Embora o caso tivesse sido arquivado, ele foi temporariamente confinado à província de Shanxi, e não foi autorizado a voltar para casa.

Um dia, quando caçava nos arredores da cidade, Kong cruzou com um bonito jovem, montado num cavalo preto, que constantemente virava a cabeça para olhar para ele. Quando Kong olhou atentamente para o jovem, descobriu que não era outro senão o seu amigo Huang Fu. Eles pararam imediatamente os seus cavalos e os dois amigos foram dominados por um misto de alegria e tristeza nesse encontro. Huang Fu então convidou-o para ir para a sua casa, e os dois chegaram a uma aldeia onde a densa folhagem do arvoredo bloqueava a luz do sol.

Ao entrar na casa de Huang Fu, Kong reparou em filas de pregos dourados na porta, indicando que a família pertencia a um clã importante. Depois, Kong perguntou por Jiao Na, e lhe foi dito que ela tinha casado, e que sua sogra tinha falecido. Os dois sentiram profunda simpatia por ela. Kong passou a noite na casa de Huang Fu e voltou lá no dia seguinte com a sua mulher e seu filho. Coincidentemente, Jiao Na também veio à casa de Huang Fu nesse dia, e quando ela viu o seu sobrinho, Xiao Huan, levantou o menino nos braços e começou a brincar com ele, e falou sorrindo:

— Prima Song, misturou duas espécies tão diferentes, estragou a nossa linhagem.

Kong, da sua parte, agradeceu sinceramente a Jiao Na por ter curado sua doença e salvo a sua vida, ao que ela respondeu com um sorriso:

— Cunhado, agora tem uma posição distinta e é um homem importante. Embora sua velha ferida esteja completamente curada, espero que não se esqueça do sofrimento por que passou.

Então, o marido de Jiao Na, Wu, veio também cumprimentar o cunhado. Kong e Song ficaram por mais duas noites antes de voltar para casa.

Um dia, Huang Fu, cheio de angústia, convidou Kong para a sua casa para falar com ele, dizendo:

— Virá uma desgraça dos céus, será que pode nos ajudar?

Kong não fazia ideia do que ele estava falando ou do que iria acontecer, mas concordou imediatamente em oferecer ajuda. Ouvindo isso, Huang Fu saiu rapidamente e pediu a toda a família que entrasse no salão e se ajoelhasse em frente a Kong. Chocado com esse comportamento, Kong se sentia ansioso para saber o que estava acontecendo.

Huang Fu explicou:

— Nós não somos humanos, mas raposas encantadas. Estamos prestes a ser mortos por uma tempestade, mas se você estiver disposto a arriscar a sua própria vida para nos proteger, então toda a minha família poderá ser salva. Mas se não quiser, leve o seu filho e vá embora, para que a sua família não seja afetada.

Kong prometeu ao amigo ficar junto da família dele, fosse na vida ou na morte. Então, Huang Fu pediu a Kong que ficasse na entrada com uma espada na mão, dizendo-lhe:

— Por favor, não se mexa, mesmo que a trovoada o atinja!

Kong prometeu fazer o que Huang Fu lhe pedia. Pouco depois, tal como esperado, nuvens escuras acumularam-se no céu, bloqueando a luz e escurecendo a terra completamente, fazendo com que parecesse noite. Quando Kong olhou em direção à residência de Huang Fu, onde tinha morado vários meses, descobriu que a magnífica casa tinha desaparecido e havia ali apenas uma antiga sepultura, e uma caverna tão profunda que era impossível ver o fundo.

Enquanto ele olhava, espantado, um grande estrondo de trovões veio do céu, sacudindo os montes. Seguiram-se ainda uma chuva forte e um feroz vendaval, que chegou até a arrancar árvores centenárias pela raiz.

Perplexo e ensurdecido pela trovoada, Kong não se mexeu nem um centímetro. De repente, viu por entre o nevoeiro escuro e denso um monstro terrível, de focinho pontiagudo e garras compridas, arrastar alguém para fora da caverna e, em seguida, erguer-se para o céu. Com um só olhar sobre a roupa e os sapatos da pessoa arrastada, Kong soube que era Jiao Na. Ele saltou de imediato para o céu e atingiu o monstro com a espada, fazendo com que Jiao Na caísse dos braços dele. No entanto, Kong foi atingido por um relâmpago e caiu morto no chão.

Pouco depois, a trovoadas cessou e o céu ficou novamente limpo. Jiao Na recuperou lentamente a consciência, mas, quando acordou, viu Kong morto ao seu lado. Ela chorou amargamente.

— Kong morreu por mim, eu não mereço!

Song saiu também da caverna e, junto com Jiao Na, levou o corpo de Kong para dentro. Jiao Na pediu a Song para segurar a cabeça de Kong nas mãos, e pediu ao seu irmão Huang Fu para abrir a boca dele com um alfinete de cabelo dourado. Jiao Na afastou as bochechas de Kong e ela mesma rolou uma bolinha vermelha para dentro da boca dele com a sua língua. Colocou ainda os lábios dela contra os dele e empurrou a bolinha para dentro da garganta dele com um sopro. Ouviu-se um som gorgolejante enquanto a bolinha descia pela garganta de Kong e, pouco tempo depois, ele recuperou a consciência e voltou à vida. Ainda atordado, ele olhou ao redor e todos os seus parentes estavam ao seu lado, o que o fez sentir como se estivesse num sonho. Depois do primeiro susto, toda a família estava em êxtase. Como a caverna não era um lugar adequado para se viver durante muito tempo, Kong propôs que todos eles voltassem para a sua terra natal, Shandong. Todos concordaram, exceto Jiao Na, que parecia abatida e hesitante. Kong convidou-a e ao marido, Wu, para ir com eles, mas Jiao Na temia que os sogros sentissem falta do seu novo neto. Eles discutiram o assunto durante um dia inteiro, mas não encontraram nenhuma solução.

De repente, um jovem criado da família de Wu chegou correndo, já sem fôlego e banhado em suor. Surpresos, todos perguntaram o que tinha acontecido e souberam, por fim, que a família de Wu se havia deparado com a mesma desgraça, exatamente no mesmo dia. Todos os membros da família Wu tinham morrido tragicamente. Ouvindo isso, Jiao Na desfez-se em lágrimas e ficou inconsolável. Todos a confortaram e só então, como não havia nada mais que os fizesse hesitar, foi decidido que todos seguiriam Kong para Shandong. Passaram alguns dias na cidade de Jiao Na para fazer todos os arranjos necessários, e depois Kong voltou e fez as malas, junto com todos eles.

Chegando a Shandong, Kong ofereceu à família de Huang Fu uma das suas residências vazias, cujo portão era sempre mantido fechado,

exceto quando Kong e Song vinham visitar. Nessa residência, Kong jogava xadrez, bebia vinho e conversava com Huang Fu e sua irmã mais nova, Jiao Na, divertindo-se como família. Quando o filho de Kong, Xiao Huan, cresceu, tornou-se um rapaz extraordinariamente bonito, com ares de raposa. Quando passeava pela cidade, todos sabiam que era filho de uma raposa encantada.

Comentário do autor: “O que mais admiro em Kong não é que ele tenha casado com uma linda mulher, mas sim que tenha tido uma boa amiga como Jiao Na, cuja bela aparência era capaz de o fazer esquecer a fome e cuja voz lhe trazia alegria e prazer. Ter uma amiga como aquela, com quem podemos conversar, jantar e beber vinho juntos, é como ter um amor platônico, o que é muito melhor do que o amor físico entre marido e mulher.”